

# UMA DOCUMENTAÇÃO VISUAL E LITERÁRIA DA MORTE SEVERINA NO SERTÃO NORDESTINO

Glauce Rocha Santos COIMBRA; Maria Elizia BORGES  
Faculdade de Artes Visuais – FAV/UFG  
[glaycerocha@hotmail.com](mailto:glaycerocha@hotmail.com)

## RESUMO

Este artigo parte de assuntos relacionados à morte de milhares de nordestinos no século XX vítimas dos prejuízos causados pelas secas consecutivas nesse período e o descaso das autoridades na omissão de soluções para a defesa desses cidadãos. Através dessa realidade tema buscou-se uma reflexão sobre a obra poética *Morte e Vida Severina* (1966), um Auto de Natal de João Cabral de Melo Neto e também sobre a obra *Retirantes* pintada por Cândido Portinari (1944-45), ambas abordam a mesma temática vividas pelo personagem pernambucano Severino, um retirante que migra para Recife relutando contra a morte no sertão. Como resultado, buscamos identificar questões sociais dialogadas entre o poema e a pintura.

**PALAVRAS-CHAVE:** morte, sertão nordestino, literatura e artes visuais

## INTRODUÇÃO

Esse artigo traz uma investigação sobre a morte no sertão nordestino, um problema interdisciplinar que propõe uma reflexão sobre as causas da seca e o descaso das autoridades políticas que se omitiram na defesa dos cidadãos nordestinos através de políticas públicas que trouxessem soluções contra as consequências da seca.

Como é a morte no sertão? Durante o século XX milhares de cidadãos nordestinos vivenciaram períodos de longas secas perdendo tudo o que tinham por falta de recursos materiais e financeiros para se defender desse problema que levaram milhares a morte.

Assim, o sertão descrito aqui é a região castigada pela falta de chuva e esquecida pelas autoridades, retrato da perda de esperança de inúmeros retirantes mortos como consequências de uma vida de completa miséria constituindo um cenário que infelizmente perdurou por vários anos sem nenhuma solução.

A morte no sertão teve muitos fatores. Os efeitos devastadores fizeram vítimas através das doenças como: tifo, surtos da peste bubônica, varíola, inanição,

hemeralopia ou cegueira noturna causada pelo enfraquecimento do organismo e suicídios por chefes de família que não suportavam ver seus entes morrendo e sem ter o que fazer para impedir. De acordo com Villa (2001), é muito difícil responder a pergunta sobre a quantidade de mortos.

As estatísticas são falhas, milhares de mortos nem foram oficialmente considerados vivos, pois os pais não fizeram o registro de nascimento e outros tantos foram enterrados clandestinamente ou morreram pelas estradas. Porém é possível estimar em três milhões, os mortos nas secas em 150 anos, desde 1825 a 1983.  
(VILLA, 2001, p.250)

A grande seca de 1877 agravou a situação em toda região do nordeste. O retrato da morte dos flagelados da seca nordestina em 1878 foi um cenário semelhante ao de uma guerra onde havia mortos espalhados por vários cantos das cidades. Os hospitais já não tinham vagas para tantos doentes, e muitos que morriam eram amontoados à beira das entradas. Em novembro desse mesmo ano, as mortes divulgadas pela imprensa principalmente no Ceará eram surpreendentes:

Foram conduzidos para o cemitério de Lagoa Funda, 1.004 cadáveres. Enterrar todos os mortos acabou sendo um grande problema. Sessenta e quatro retirantes foram contratados como coveiros, recebendo além do salário, ração e aguardente, mas eram insuficientes para tanto serviço. Nesse dia, deixaram mais de 200 cadáveres insepultos, que acabaram sendo devorados por cachorros ou urubus. No mês de dezembro de 1878, foram registrados oficialmente mais de 16 mil óbitos.  
(VILLA, 2001, p.72)

Levando em conta essa problemática, Cândido Portinari (1906-1962), pintor brasileiro que participou do movimento expressionista no Brasil, teve várias obras relacionadas à vida do nordestino que tinha como proposta denunciar as desigualdades sociais no país e por isso seu trabalho ficou conhecido internacionalmente através dos corpos humanos sugerindo volume e pés enormes que fazem com que as figuras pareçam relacionar-se intimamente com a terra, esta sempre pintada em tons muito vermelhos.

A obra *Retirantes* (1944) trouxe a acentuada força dramática através das recordações de infância do pintor em Brodóski – SP, quando assistia da janela de sua casa, chegada de famílias de retirantes que fugiam da seca no nordeste. Essa obra retratou a realidade dos retirantes nordestinos que deixavam suas terras em busca de um sonho. Fabris (1977).

Para Fabris (1977) através dessa obra o pintor consegue com uma abrangente visão crítica fazer um documento visual da realidade nordestina. Embora não restrinja às questões críticas da realidade brasileira, isso já seria o bastante para estar situado entre os artistas de destaque em nosso país. A partir daí o artista procurou demonstrar o engajamento social cuja única preocupação se resumia no homem. Este era o elemento que o pintor priorizava em suas telas. Portinari expressava a dramaticidade, sofrimento e melancolia através dos tons fortes adquirindo um caráter de denúncia em relação às questões sociais brasileiras.

Abordando especificamente o tema sobre seca e morte, João Cabral de Melo Neto (1920-1999) escreveu em 1966 a sua obra mais popular no país, *Morte e Vida Severina*, que retrata a trajetória de um retirante pernambucano que deixa o sertão rumo à Recife em busca de sua própria sobrevivência e em vários trechos do percurso ele se depara a com a morte. João Cabral descreve no poema, a morte severina: (...)

E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia.  
(MELO NETO, 2007, p. 92)

A história de Severino é retratada com muita similaridade a realidade vivida por milhares de nordestinos, principalmente os retirantes, que saíram do sertão em busca de melhoria de vida e acabaram mortos pelo caminho.

Além da análise das obras já citadas aqui, a pesquisa busca também um levantamento visual de cemitérios rurais localizados no sertão baiano, fazendo uma abordagem desses cemitérios como local de memória do sertanejo e identificando características dos rituais de morte no sertão.

A documentação visual e literária dessa pesquisa apresenta outros nomes da literatura que além de João Cabral, abordam o mesmo tema da morte no sertão: *O sertanejo*, (ALENCAR, 1875), *O cabeleira*, (TÁVORA, 1876), *Os retirantes*, (PATROCÍNIO, 1870), *A fome*, (TEÓFILO, 2011), *Luzia-homem*, (OLÍMPIO, 1903), *A bagaceira*, (ALMEIDA, 1928), *O quinze*, (QUEIROZ, 1930), *Vidas Secas*, (RAMOS, 1938) e *Morte e vida severina* (MELO NETO, 1966)

A situação vivida pelos nordestinos atualmente saiu do marasmo em que se encontravam nos séculos XIX e principalmente XX. Apesar dos bons indicadores desse crescimento, ainda são muito dependentes da situação financeira do governo federal. Amaral Filho (2010) relata que a região ainda se encontra distante dos bons indicadores de desenvolvimento, pois a sua participação no produto nacional permanece na modesta casa de 13% e sua base produtiva conserva baixos índices de produtividade e o número de pobres, ainda é o maior do país. Por isso, ainda encontramos no sertão, pessoas vivendo em situação precária e de miséria, vivendo a mesma vida *severina*, descrita por João Cabral de Melo Neto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Pinto de. *Nordeste: o drama das secas*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1983.

ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo. Melhoramentos.

ALMEIDA, Fenelon. *As vozes da seca*. Fortaleza. ACI, 1978.

ALMEIDA, Rômulo Barreto. *O Nordeste no segundo governo de Vargas*. Fortaleza. BNB, 1985.

ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1978.

AMARAL FILHO, J. O Nordeste que dá certo. *Cadernos do Desenvolvimento*. V.05 p. 53-83, 2010

ANDRADE, Manuel Correia de. *A problemática da seca*. Recife. Liber Gráfica de Editora, 1999.

COSTA, F. A. Pereira da. *Folk-lore pernambucano*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1974.

FABRIS, Annateresa. *Portinari, pintor social*. ECA/USP, São Paulo. 1977

BRAGA, Hermíade Menqueni. *O sagrado e o profano em Morte e vida Severina*. São Paulo. Ed. Zouk. 2002.

MACEDO, Hypérides Pereira de. *A chuva e o chão na terra do sol*. São Paulo, Ed. Maltese, 1996.

MELO NETO, João Cabral. *Morte e vida Severina; e outros poemas*. Rio de Janeiro. Ed. Objetiva. 2007.

MENEZES, Edith Oliveira de MORAIS, José Micaelson Lacerda. *Seca no Nordeste: desafios e soluções*. São Paulo. Ed. Atual. 2002.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. São Paulo. Ed. Martin Claret. 2003

PATROCÍNIO, José de. *Os Retirantes*. São Paulo. Ed. Três. 1973

PORTELA, Fernando. ANDRADE, Joaquim Correia de. *Secas no Nordeste*. São Paulo. Ed. Ática. 2005.

QUEIROZ, Raquel de. *O Quinze*. São Paulo. Siciliano. 1993.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro. Record. 2006.

TAVORA, Franklin. *O cabeleira*. São Paulo. Ed. Ática. 1998

TEÓFILO, RODOLFO. *A Fome*. São Paulo. Ed. Tordesilhas. 2011

VILLA, Marco Antônio. *Vida e morte no sertão*. História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo. Editora Ática, 2001.